

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

MDB e Planalto em jogada ensaiada pelo fim da 6x1

O MDB do Senado se aliou a Palácio do Planalto na pressão sobre o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), para pautar o fim da jornada semanal de seis dias de trabalho por um dia de folga.

O líder do partido no Senado, Eduardo Braga (AM), leu em plenário uma nota incitando Alcolumbre a colocar em pauta projetos que poucas horas antes o Palácio do Planalto havia divulgado terem sido elencados pelo governo, em reunião com o presidente do Senado, como prioritários para serem votados antes das eleições. A nota do MDB assinala:

“A bancada do MDB no Senado, por unanimidade, pede à Presidência desta Casa urgência para inclusão na Ordem do Dia da PEC 221/2019, que propõe reduzir a jornada de trabalho no Brasil e extinguir a escala 6x1, garantindo dois dias de repouso semanal remunerado sem redução salarial; da PEC 18/2025, que reorganiza o Sistema de Segurança Pública; e dos PL’s 2.780/2024 e 4.443/2025, que dispõem sobre a Política Nacional de Minerais Críticos e Estratégicos. O Brasil não pode mais adiar a discussão dessas matérias.”

Pouco antes, a líder do governo no Senado, Teresa Leitão (PT-PE), havia distribuído uma nota que assinou junto com o ministro das Relações Institucionais, José Guimarães. Referia-se à reunião que ambos tiveram pela manhã com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e com Davi Alcolumbre para discutir pautas a serem votadas nos períodos de esforço con-

centrado do Congresso, ainda antes das eleições de outubro. O texto dizia:

“Foi reafirmada a importância do avanço das pautas prioritárias para o Governo, como a PEC do fim da escala 6x1, a MP que trata do fim da “taxa das blusinhas”, a PEC da Segurança Pública e o PL de Minerais Críticos.”

Ainda há outros itens que o governo considerou prioritários no encontro com Alcolumbre. Mas o MDB se concentrou no fim da 6x1, na PEC da Segurança e nos minerais críticos por crer que, neles, terá mais possibilidade de apoio da maioria dos partidos.

O senador Renan Calheiros disse à coluna que o partido já começou a conversar com o líder do PSD, Omar Aziz (AM) para tentar transformar a nota no início de um movimento no Congresso. “O Omar foi muito receptivo”, argumentou Renan.

De fato, o líder do PSD também disse à coluna que apoia o movimento do MDB, mas que ainda não consultou a bancada: “Estou no Amazonas. Pessoalmente apoio a colocação em pauta desses três projetos, mas ainda tenho que consultar a bancada.”

Davi Alcolumbre também ficou de consultar as lideranças partidárias para decidir se os itens elencados pelo governo entrarão em pauta antes das eleições. Serão duas semanas: entre 10 e 14 de agosto e entre 31 de agosto e 3 de setembro.

Alcolumbre disse à coluna que o caminho com o governo está desobstruído: “Foi muito importante para a democracia, porque o presidente do Congresso precisa ter o diálogo aberto com o presidente do Brasil e esse diálogo está restabelecido. Tanto que já tivemos duas reuniões muito boas e produtivas pensando no Brasil. Esse é o meu papel e eu creio que é o do presidente Lula também.”

FERNANDO MOLICA

Jornalista e ESCRITOR

Derrota de Flávio; vitória de Michelle

Candidata ao Senado pelo Distrito Federal, Michelle Bolsonaro posou para fotos de campanha ao lado do enteado Flávio, disse que a crise entre os dois está superada — mas sabe que a eventual derrota do candidato do PL à Presidência ajudará em muito sua carreira.

O cenário é simples: caso vença a disputa pelo Planalto, Flávio Bolsonaro assumirá, de maneira incontestável, a herança do pai. Com isso, adiará as pretensões da madrastra de chegar ao Planalto; o hoje senador tentaria a reeleição em 2030. Mesmo eleita, Michelle teria que se contentar com um ministério de baixo orçamento ou com a liderança do Governo ou do PL.

Uma derrota de Flávio, porém, asfaltaria o caminho da ex-presidente do PL Mulher. Caso seja eleita — o que tende a ocorrer —, Michelle será a principal representante da família no Congresso; isto, mesmo que Carlos, outro enteado, consiga a difícil tarefa de ser eleito para o Senado por Santa Catarina.

Como mostrou ao longo de seus mandatos na Câmara Municipal do Rio, ele, muito bom no jogo pesado das redes sociais, tem sérias dificuldades na articulação política, seria surpreendente que viesse a conquistar protagonismo como senador. Nada indica também que Jair Renan Bolsonaro, vereador em Balneário Camboriú (SC), venha a se revelar um grande político caso seja eleito deputado.

Com Eduardo auto-exilado e Flávio sem mandato, Michelle, senadora, ficaria livre para encabeçar a representação do clã e disputar o protagonismo da direita, até com olhos na sucessão presidencial que será disputada daqui a quatro anos.

Além da curiosidade que cercaria sua chegada ao Congresso, ela teria a chance de encabeçar uma das grandes bandeiras bolsonaristas, o impeachment de ministros do Supremo Tribunal Federal. Boa oradora, articulada, subiria com tranquilidade no palco-tribuna do Senado.

Isso não quer dizer que ela teria caminho fácil no campo direitista. Uma segunda derrota consecutiva do bolsonarismo na disputa presidencial enfraqueceria o legado de Jair, já abalado pela tentativa golpista, pela prisão e pela teimosia de rejeitar, em 2026, de alguém que não fosse sangue do seu sangue.

Ao deixar o governador Tarcísio de Freitas na pista, Bolsonaro manteve o controle em suas mãos, mas será responsabilizado em caso de fracasso do primogênito. Caberia à sua mulher se mostrar capaz de reunir os cacos com uma argamassa que incluiria capacidade de negociação, carisma, acenos radicais aos evangélicos e um grau de messianismo comparável ao do marido.

Ao posar ao lado de Flávio, ao falar em virada de página, de colocação de pedra sobre as divergências, Michelle procurou esfriar uma crise com potencial de prejudicar sua própria candidatura ao Senado, não quer a imagem de madrastra de conto de fadas. Ela sabe jogar o jogo e conhece o cenário que lhe é mais favorável. Diante do espelho, não teme a resposta quando pergunta se existe, na família, alguém mais esperto do que ela.

EDITORIAL

Os problemas da ludopatia no dia a dia

Há um momento em que o jogo deixa de ser entretenimento e passa a comandar a vida. A ludopatia, ou transtorno do jogo, não deve ser tratada como simples falta de disciplina ou como um vício moral. É uma condição que pode comprometer profundamente a mente, as relações e a capacidade de uma pessoa conduzir a própria existência.

O apostador compulsivo vive, muitas vezes, preso a um ciclo de expectativa, euforia, perda, culpa e tentativa de recuperar o dinheiro perdido. O cérebro passa a buscar a recompensa da aposta, enquanto o pensamento racional perde espaço. Aos poucos, o jogo ocupa o centro da rotina. Trabalho, estudos, descanso, responsabilidades e relações afetivas tornam-se secundários.

Na família, os efeitos são devastadores. A perda de dinheiro pode significar dívidas, contas atrasadas e insegurança financeira. A necessidade de esconder apostas e prejuízos alimenta mentiras, desconfiança e conflitos. Pais, companheiros e filhos podem sentir abandono, raiva e impotência diante de alguém que parece não conseguir interromper o comportamento. Não raro, o problema ultrapassa a esfera financeira e corrói a própria confiança que sustenta a convivência.

No ambiente de trabalho, a ludopatia pode provocar queda de produtividade, faltas, atrasos, perda de concentração e dificuldades para cumprir compromissos. Em situações mais graves, o endividamento e a obsessão pelo jogo podem levar a decisões irresponsáveis, colocando em risco a carreira e a estabilidade econômica.

Também há um preço social. O isolamento cresce à medida que a pessoa se afasta de amigos e atividades que antes lhe davam prazer. Vergonha, ansiedade, irritabilidade e sensação de fracasso podem aprofundar esse afastamento, criando um círculo vicioso: quanto maior o sofrimento, maior a fuga para o jogo.

É preciso, portanto, abandonar o preconceito e reconhecer a ludopatia como um problema de saúde que exige atenção e tratamento. A família tem papel importante, mas não pode carregar sozinha a responsabilidade pela recuperação. É necessário buscar ajuda profissional e criar redes de apoio capazes de interromper o ciclo.

Em uma sociedade na qual as apostas estão cada vez mais acessíveis e agressivamente promovidas, prevenir tornou-se uma responsabilidade coletiva. O jogo pode ser apresentado como diversão, mas, quando passa a controlar a mente, destruir vínculos e comprometer o futuro, já não há entretenimento: há sofrimento. E sofrimento não se resolve com julgamento, mas com informação, cuidado e tratamento.

OPINIÃO DO LEITOR

A importância dos idosos nas eleições

Segundo o TSE, a diferença entre Lula e Bolsonaro foi de aproximadamente 2 milhões de votos em 2022. Houve 32 milhões de eleitores que votaram em branco ou anularam os seus votos. Cabe aos idosos saírem da sua zona de conforto e comparecerem às urnas em massa, a fim de que a Constituição Federal seja respeitada de fato e de direito.

Luiz Felipe Schittini, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Contribuições por e-mail: marceloperillier@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Afonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal